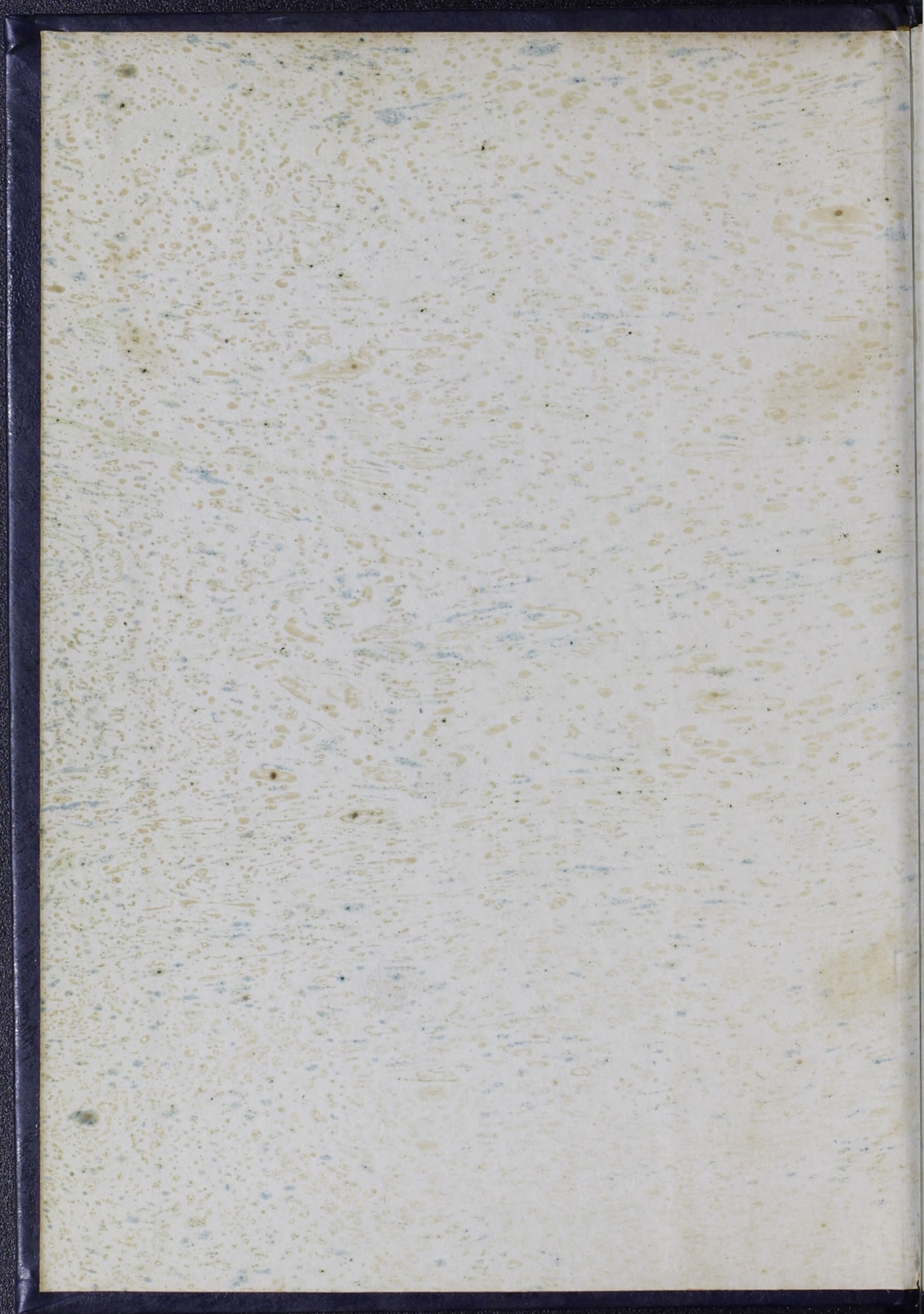


GOMES LEAL

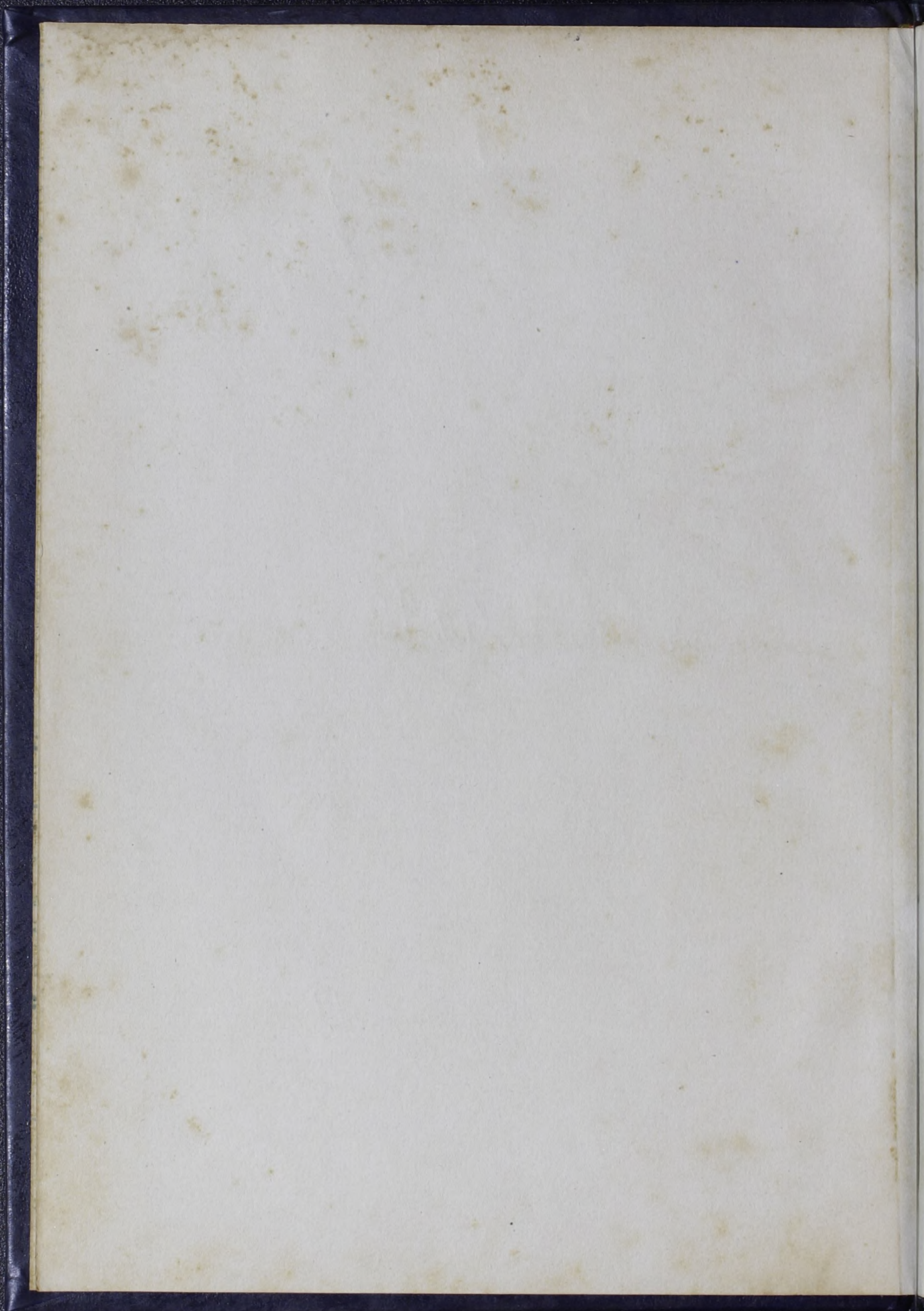


PROTESTO D'ALGUEM

B.M.O.L.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES ALBA"
Tombo N.º 3979





BRITANICO
E ALIENIGENO
E ALIENIGENO

CARTA

AO
IMPERADOR
DO
BRAZIL

POR
COMES LEAL

E. Menezes

LIVRARIA DIRECTA

Rua da Misericórdia, 79

Tel. 2 0320 — LISBOA

150,

Luigi...

PROTESTO D'ALGUEM

Reservados todos os direitos de propriedade.



GOMES LEAL

PROTESTO D'ALGUEM

CARTA

AO IMPERADOR DO BRAZIL



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CRÍGENES LESSÁ"
Tombo N.º 3.979
MUSEU LITERÁRIO

PORTO

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

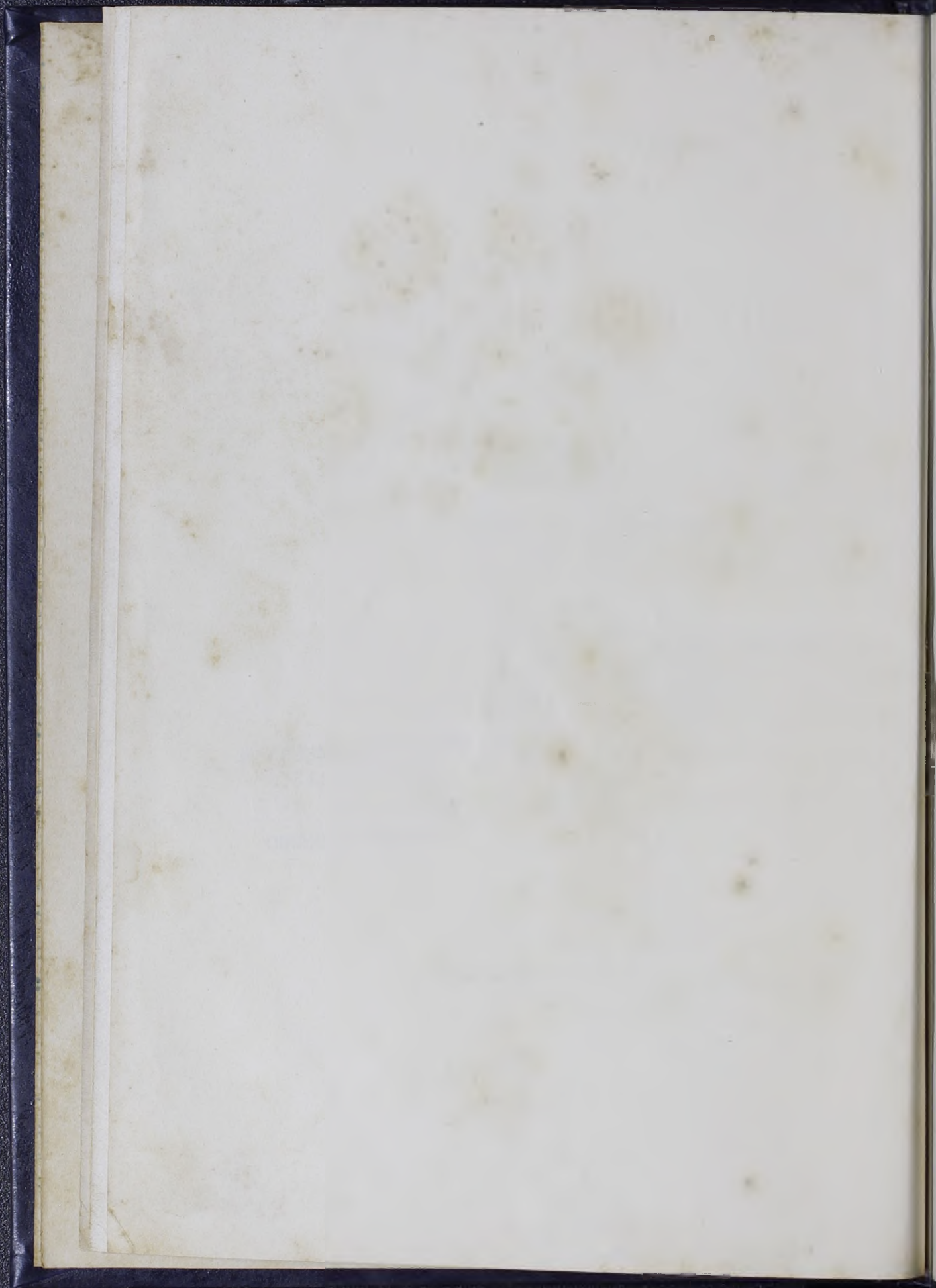
DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS & SOBRINHO — EDITORES

4 — Rua de Santo Ildefonso — 12

1889

QUINTA EDIÇÃO



Alguem que a nada aspira, — e que a Utopia
ouviu clamar que assassinára ahi,
vem protestar — Senhor — que nunca um dia
tal deusa usou rewólver abbadie.

Não estripa, nem máta,
como os ladrões de Londres as rameiras.
Tem a alma mais limpida que a prata
d'um lento fio d'agua entre palmeiras.

Tem andado por cerros e collinas,
é céрто, com heróes agitadores.
Mas longe a rélva em sangue das chacínas...
Nem clarins d'ouro! ou rúfo de tambores!...

Só quer e só almeja
a antiga Paz, sob a oliveira antiga.
Não é a ébria e chárра collareja,
que diz mil chúfas, de punhal na liga.

Alma de deusa, odeia a vil matança,
a sangueira do crime e da degolla.
Com o punhal não prende a loura trança.
Nunca navalha usou de ponta e molla.

Á sua alma apraz
o lar, o estudo, o abrigo onde se leia.
É virgem d'olhar garço... o azul da paz...
Não é uma virágo que esfaqueia.

A sua fláva trança exala um cheiro
a laranjaes, n'um mystico noivado.
Falla d'amor e paz, como um boieiro
cantando n'um poente alaranjado.

É virgem d'olhar sério
que prostérna e vareja os corações.
Não tressúa no leito do adultério,
nem mata como as femeas dos ladrões.

Alégra como o sol por uma fresta . . .
Mas quando o sangue cae e ensópa a lucta
vem direita á nossa alma, e diz — Escuta:
Levanta a voz, e ergue a mão, protésta.

Protésta contra a horda
dos assassinos que hão regado o chão,
mais vís do que o verdúgo e a sua corda,
por que hão laivádo a fraticida mão! . . .

Flagella aquella voz que disse á arma:
atira a esse velho imperador!...
Verbéra a impia mão que deu o alarma
d'um tiro a um velho... essa ignominia e horror.

Indigna-te, e alto falla
contra a chacina vil e as glorias vãs
de atirar, como a um lobo, um velho á valla,
sangrar-lhe a face, e ensanguentar-lhes as cãs!

Quem é que mata um velho?... O mundo novo
tanto o acáto perdeu já á Velhice
que a não respeita no redil do povo,
nem no throno dos reis?— Quem diz? Quem disse?

Quem é, pois, a tigrina
fúria moderna, Musa da Vingança,
que escórcha agora a graça feminina,
as cãs do velho, e o riso da creança?...

Digam qual dos nossos serve a Idêa
que almeja sangue?—Só um louco, é certo,
ou o asno da fábula escouceia
o leão moribundo no deserto...

Se acaso, do meu lado,
alguem tocasse nos cabellos teus,
eu dar-te-hia o meu braço, Velho honrado,
e iria contra o sangue e contra os meus!...

Infamia sobre o braço parricida,
que mata um homem do sepulchro á beira,
prestes quasi a vêr pôr o sol da vida...
deixar seu agro, e a sombra da palmeira!

Vergonha sobre a fronte
de quem, de faca ou de clavina, vae,
atirar, como á féra que érra a monte,
como a um lobo cervical... a um velho pae!

E tu tens sido pae de pequeninos,
transindo, ao silvo da lufada, e á chuva...
Tens sido lar e sal de peregrinos,
bordão do triste, capa da viuva.

Não se mata quem tanto
amou fracos e heroes, presou poetas!...
— Morre em paz, morre em paz, ó velho santo.
— Creanças! ide, enchei-o de violetas.

Morre sorrindo, em paz, olhando os brilhos
do sol nas palmas semelhando lanças...
morre em paz, entre os braços de teus filhos,
morre em paz, a beijar inda as creanças...

Morre em paz, bom amigo
dos poetas, heroes, e dos cantores!
Cresça a palma e a oliveira em teu jazigo.
Por entre loureirões que plantem flores.

O portuguez, — o arroteador constante
dos teus sertões, n'uma labúta insana,
e a quem dás, como a lasso caminhante,
o sal amigo e a tenda na savana,

Aquelle que o trabalho
crésta e bronzeia nas remótas plagas,
protésta que haja crime, embora falho,
que enrolle em sangue o seu suor em bagas.

E teu povo infantil, o heroico povo,
que scisma e sonha em regiões distantes,
n'esse mundo athlético inda novo
que semelha paysagens de gigantes,

Elle, a quem a secréta
áza da alma empurra para a frente . . .
vêr-te-ha morrer feliz, — como o poeta,
que quiz mais sol, para morrer contente.

E tu, minha alma, onde o ideal s'encerra
da paz universal, que lenta vem . . .
maldiz o sangue em que escabuja a Guerra,
chasqueia a gloria que d'ahi provem.

Como um balão que estoira
estripa o ventre d'essa deusa Gloria.
Lavemos em barrella duradoira
Noventa e trez, esse borrão da Historia.

Como a flecha do raio que fulmina,
e rúe o mesmo tecto d'uma egreja,
fustiga todo o braço que assassina,
toda a mão que estrangúla e que vareja.

Açouta, a golfar pingos
de sangue, os homens maus de curtas vistas,
quer adorem a Krup ou S. Domingos,
a Santa Inquisição ou os Nihilistas.

Todo o homem de peito recto e puro
que venha encorporar-se nas fleiras
dos que golpeiam, noute e dia, o duro
preconceito da Espada e acções guerreiras.

Vá-se embora o sombrio
verdúgo do baráço e do cutello!...
É força achavascar o Desafio.
Urge um novo Quichote do duello.

E, agora, que eu ergui bem alto o brado
contra o sangue que enlaiva, que envilece...
perdão, Senhor, para esse desvairado,
a quem a dôr crucía, e amarelléce.

Tem vinte annos sómente!...
É o insano infeliz! Perdeu o tino!
Não é completo quem não é clemente.
— Perdão, Senhor, perdão para o assassino.

Talvez que o pae, a contorcer os braços,
varejado do raio que caíu,
ébrio de dôr, cambaleando os passos,
sinta golfar as lagrimas em fio . . .

Quem não sabe, no rosto,
como esbrazeia a lagrima que cae,
quando nos sangra a púa d'um desgosto? . . .
— Perdão, Senhor, perdão, para esse pae.

Talvez que, longe, a sua noiva amada
soluce e chore, á branca lamparina,
e a triste mãe, a triste mãe, varáda,
se dobre, como á chuva a casualina . . .

Seu livido semblante
decérto os prantos o desbótam bem! . . .
— Perdão, Senhor, em nome d'essa amante.
— Perdão, Senhor, em nome d'essa mãe.

Perdão, pelas conquistas que tem feito
o Homem sobre o seu avô dos mattos.

Perdão, em nome do actual Direito
sobre o vêsgo direito de Pilatos.

Perdão, pelas secrétas,
mas profundas raizes da Razão.

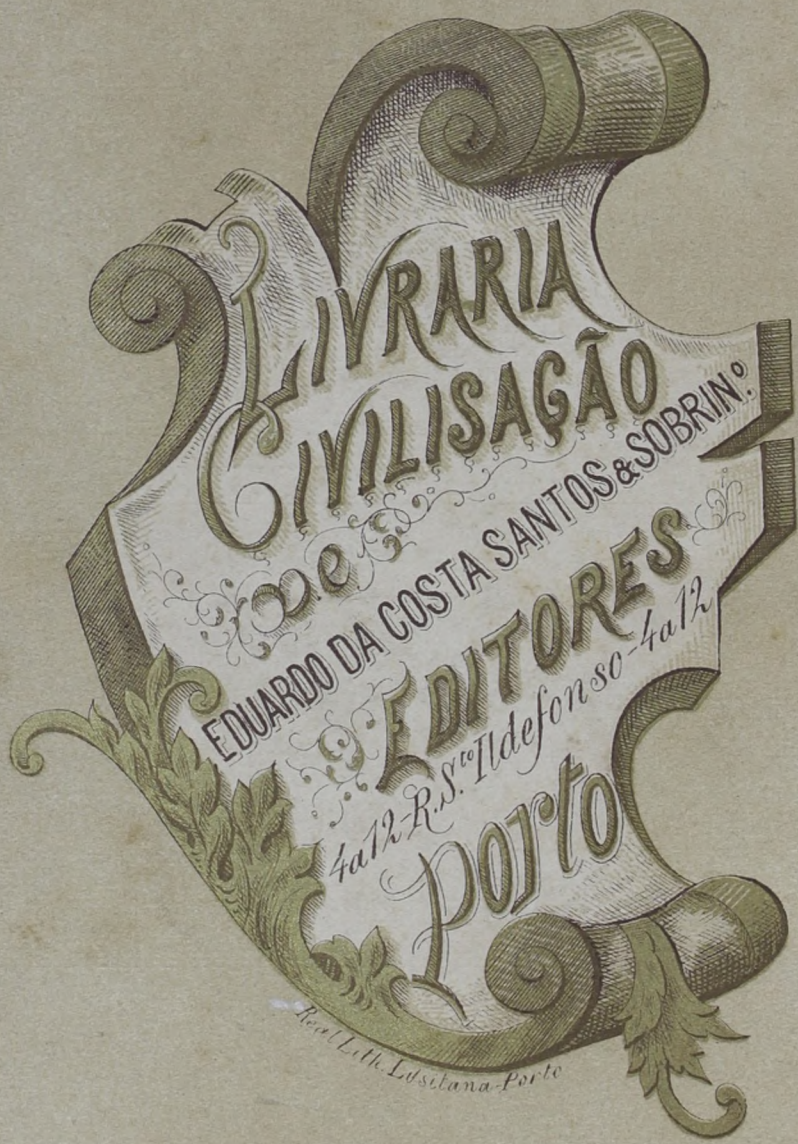
Perdão, Senhor, em nome dos poetas.

Perdão, Senhor, em nome do Perdão.



PORTO
TYPOGRAPHIA ELZEVIANA
ANEXA À LIVRARIA CIVILISAÇÃO
4 — Rua de Santo Ildefonso — 12

—
1889



Rec. Lith. Lusitana-Porto

